

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER AFRODESCENDENTE

Várias explicações podem ser dadas para justificar a marginalidade sofrida pela mulher ao longo dos tempos, as quais sejam a invisibilidade diante da História, pois, estavam sempre ocupadas no interior de suas casas, cuidando de suas famílias, sua vida se restringia ao espaço privado, geralmente por imposição. Diante de tal reclusão, dificilmente eram vistas nas ruas, conseqüentemente não se falava delas, e quando elas falavam eram silenciadas, não tinham vida social. E por serem alfabetizadas tardiamente não existem registros autobiográficos, e, tudo isto contribuiu para sua invisibilidade.

É fato, as mulheres sempre foram excluídas da história, sendo a mulher negra duplamente excluída. O fato de ser mulher e negra trazia a esta mulher ainda mais segregação. Ao longo dos tempos o que sempre se vê em relação à mulher afrodescendente é sua imagem escrava, usada para a prática de sexo fácil, ou ainda aquelas que tinham que se prostituir para sustentar seus senhores, no papel da doméstica (.....) Helio Santos sabiamente esclarece que a mulher afrodescendente sempre foi por muito tempo “fantasia” do sexo masculino, principalmente o homem branco. Essas mulheres são o “alicerce e também as paredes da construção da célebre miscigenação brasileira”. Vai além o referido autor: (...) como essa fantasia se materializou pode ser considerada mais como espécie de perversão sexual. As negro-mestiças - no Brasil apelidadas de mulatas - foram por muito tempo fonte de farta inspiração poética. É verdade que tal poesia jamais foi capaz de promovê-las a cidadãs plenas no mesmo patamar da brancura feminina. Mulata, no jargão popular, passou a ser toda negro-descendente considerada bonita, independente de ter a pele mais clara (a autêntica) ou mais escura. (...) Mesmo diante de todas as dificuldades que a história lhe impôs, esta mulher não se rendeu diante delas, fez diferente, foi à luta, “guerreou” contra todas as adversidades da vida, sem jamais perder a alegria, que sempre lhe foi peculiar, além, é claro de sua beleza natural cantada em verso e prosa. Mesmo assim, não foi suficiente para que a mesma alcançasse o respeito e admiração merecidos.

Muito que se dizer da mulher negra, suas lutas e conquistas ao longo tempo, mas neste presente trabalho serão mostradas breves passagens. Como no caso das mulheres escravas do nordeste, sempre usada como coisa, e no presente tratada como objeto de desejo e para as praticas sexuais, como no relato que se segue: Declara que tinha sido casado mas sua mulher havia morrido e com ela não havia tido filhos mas no estado de viúvo tivera em Eugenia Maria de Sant’Ana que foi escrava, a qual existe liberta, três filhos, Afonsina, de 11 anos, Marcelino com 8 anos e Joaquina com 5 anos, todos os três ainda em estado de cativo. Mas deseja, em sua última vontade que seus filhos fossem libertos do cativo.

Segundo dados lançados na 3ª edição do “Retrato das Desigualdades de gênero e Raça”, lançada no dia 16/12/2008 pelo IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, SPM - Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e Unifem - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, demonstrou que no últimos 14 anos houve mudanças significativas. Fazendo um recorte racial a desigualdade ressalta ainda mais. As mulheres negras são as que ganham menos, é neste grupo que se registra a maior taxa de desemprego e no emprego informal, e ainda estão em maioria nos empregos doméstico. Em pleno século XXI, dados indicam que é comum a empregada doméstica ser negra. Enquanto que para cinco mulheres negras, uma é doméstica, em relação às mulheres brancas, a cada oito mulheres uma é doméstica. São beneficiados do Programa Bolsa Família, 69% dos domicílios têm chefe de família negro e 31%, branco, ou seja, mais uma vez a pobreza tem cor. A população negra cresceu de 45,1% para 49,8%, enquanto a de brancos caiu de 54,2% para 49,4%. Mesmos com o crescimento da

população negra no país, o tratamento dirigido aos negros no país é distinto dos brancos, as oportunidades são desiguais. O estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça mostra que, em 1993, mostrou que a população negra vive menos que a branca, o total de mulheres brancas com mais de 60 anos de idade representava 9,4% da população e o de negras, 7,3%. Esses percentuais alcançaram, em 2007, 13,2% e 9,5%.²⁹

A pesquisadora Wânia Sant' Anna informa que não basta à criação de políticas públicas para combater as desigualdades de gênero: (...) as ações de combate as desigualdades raciais ajudam, mas, não são suficientes aos interesses e necessidades das mulheres negras. Da mesma forma, as ações de combate às desigualdades de gênero ajudam, mas, igualmente, não são suficientes aos interesses e necessidades das mulheres negras. A superação das desigualdades de gênero e de raça vividas pelas mulheres negras requer ações especialmente destinadas a elas porque possuem características ao fato de serem mulheres negras. (...) Algo que toca fundo nas comunidades nas quais são majorias e também nas são minorias.

Tais colocações são necessárias, pois a discriminação de gênero e étnica são históricas, e a mulher afrodescendente foi e, é ainda ao longo da história nacional, desrespeitada em todos os níveis sociais, na sua sexualidade, e também em relação a sua reprodução. Tão grave quanto tudo isso é quando não se torna “invisível” diante de um Estado, que deveria enxergá-las nas suas diferenças, quando fossem buscar no Estado a satisfação e realização de suas necessidades mínimas.

Fonte: Trecho extraído do texto A MULHER AFRODESCENDENTE: SUA HISTÓRIA, LUTA E VITÓRIA (?) - Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais - Curitiba, 15: 154-175 vol.1 ISSN 1678 - 2933 Aparecida Suely da Motta e Laura Garbini Bot